

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## RECENTE PLANO DE ESCAVAÇÕES E RESTAURO DE MONUMENTOS ANTIGOS DE ESPANHA.

CARDOSO, Mário

Ano: 1972 | Número: 82

---

### Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Recente plano de escavações e restauro de monumentos antigos de Espanha. *Revista de Guimarães*, 82 (3-4) Jul.-Dez. 1972, p. 235-240.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Recente Plano de escavações e restauros de Monumentos antigos de Espanha

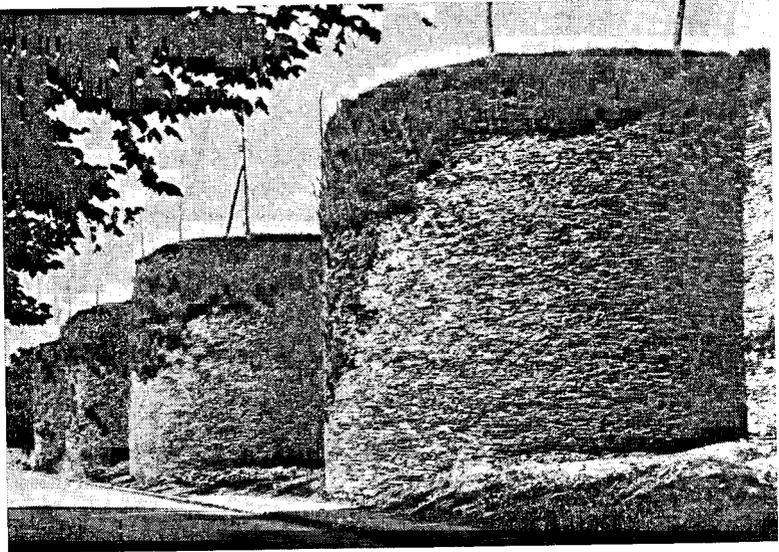
Por MÁRIO CARDOZO  
Director do Museu Arqueológico  
de «Martins Sarmento» (Guimarães)

---

«O que actualmente se está passando na vizinha Espanha, no âmbito de escavações arqueológicas e de conservação ou restauros de monumentos da Antiguidade, é verdadeiramente extraordinário! Como esta palavra «extraordinário» pode revestir vários aspectos, e não vá alguém supor que, no caso presente, aqui lhe dou sentido pejorativo, devo acrescentar, desde já, que ela exprime no meu espírito uma atitude de assombro, aliada a um incondicional aplauso e admiração que dedico às entidades a quem, na grande Nação peninsular, foi confiado o cargo da pesada e difícil tarefa, de tamanha responsabilidade sob o ponto de vista científico, histórico, artístico e técnico, de zelar pela conservação e reconstituição dos monumentos do glorioso passado desse belo país.

O ilustre Comissário do Património artístico espanhol, Sr. Dr. Manuel Chamoso Lamas, sabendo bem quanto admiro vivamente a actividade que desenvolve na região a seu cargo, confinante com o Norte de Portugal, tantas são as afinidades tradicionais, históricas e artísticas desse património com o nosso, e quanto aprecio o ingente esforço por ele despendido, e por outros seus compatriotas, na valorização de monumentos que pela sua excepcional importância podemos considerar propriedade,

não apenas de determinado país, mas de todo o mundo civilizado, visto que, pelo seu indiscutível interesse internacional, influência artística, beleza e tradição histórica são património cultural da Humanidade, — frequentes vezes me informa aquele meu estimado amigo, acerca dos trabalhos que, em virtude das suas funções oficiais, lhe



*Um trecho da monumental muralha romana de Lugo*

(Segundo Blas Taracena, in «Ars Hispaniae», Madrid, Vol. II, 1947, p. 31, Fig. 15)

passam pela mão. E sempre me provocam esses informes pistolares uma grande satisfação.

Vem, por isso, muito a propósito, referir-me a uma notícia inserta em «La Voz de Galicia», de La Coruña, de 28 de Abril, que tivemos ocasião de ler, alusiva à demolição iniciada na cidade de Lugo dos edificios, relativamente modernos, que se encontram adossados e a encobrirem o paramento exterior da grandiosa muralha da época romana que ali existe. Arrojada obra, pois os restos desse amuralhado conservam-se ainda num circuito de extensão superior a dois quilómetros. Arrojada, cara e demorada, porque

os trabalhos a executar levarão um ano! Posto que tais demolições tenham talvez encontrado, como aliás seria de esperar, a oposição por parte dos proprietários desses prédios, feridos em seus interesses particulares, nada obsteu a que o Director-Geral de Belas Artes do país vizinho, Senhor Don Florentino Pérez Embid, ilustre catedrático da Universidade de Sevilha, com a informação concordante do Subdirector Senhor Don Ramón Falcón, do Comissário-Geral de Escavações, Senhor Prof. Dr. Martín Almagro Basch, e do Comissário do Património Artístico, prosseguisse, sem hesitação, nessa grandiosa obra de restauração daquela muralha romana, cujo trabalho foi classificado pelo Ex.<sup>mo</sup> Governador Civil, que assistiu ao início da demolição dos prédios, de verdadeira «jornada histórica», pela sua monumentalidade, como também pela despesa de 114 milhões de pesetas que ela envolve, somente nas indemnizações por expropriações a que dá lugar, além dos gastos com os trabalhos a executar na estrutura da própria muralha.

De novo irão assumir a passada grandiosidade esses muros venerandos, de remota construção, que tantas tradições históricas tem ligadas! São evocações que jamais podemos pôr de lado, sob pena de negarmos ou repudiarmos dois transcendentales elementos, gratos ao espírito humano, que encerram lições eternas — a História e a Arte. Nunca, por exemplo, poderei esquecer a maravilhosa impressão que senti, numa das várias digressões que tenho efectuado por Espanha, ao chegar, já de noite, a Ávila, na Castela-Velha, em Maio de 1932 (já lá vão 40 anos!) e deparei com a longa cerca murada, batida pela fria brancura do luar, abraçando a encantadora cidade de Santa Teresa de Jesus, a mística religiosa seiscentista, que a Universidade de Salamanca fez doutora! Também num pequeno artigo que, há 15 anos, publicamos sobre as antigas muralhas de Guimarães, bárbaramente destruídas durante a segunda metade do século XIX, e ainda em princípios do actual, dizíamos, ao evoca-las nesse ligeiro escrito: «Medite-se, por um momento, quanto seria bela e curiosa a cidade, se ainda hoje tivesse erguida aquela cintura de muralhas creneladas, com suas portas armoriadas e altas torres!».

Mas voltemos ao Plano de reconstituições, restauros e conservação de monumentos antigos, superiormente

aprovado e a decorrer actualmente em Espanha, que não se limitou à muralha de Lugo. Abrangeu um programa muito mais extenso, como vamos ver, ponderadamente organizado pela Direcção-Geral de Belas Artes.

Sò à província de La Coruña, foram conferidos cerca de 40 milhões de pesetas, assim distribuídas: para o conjunto da parte antiga da cidade—4.500.000; para o famoso faról romano da antiga *Brigantium*, a chamada «Torre de Hércules», de planta quadrangular, que no século XVIII sofreu uma má restauração e se supõe ter sido mandada construir por Trajano, e projectada pelo architecto lusitano Caius Sevius Lupus—3.000.000 de pes.; verbas também importantes foram destinadas para o conjunto e paço de Mariñan, em Betanzos, para o Castelo de Brión, para a Praça do Hospital de Peregrinos, em Melide, e para o conjunto da povoação de Muros; para o conjunto monumental e Igreja de S. Martin, de Noya; para a Praça do Cruzeiro, em Padrón, a terrinha galega, tão interessante, onde nasceu a grande poetisa Rosalia de Castro; para o conjunto e Igreja de S. Miguel Breamo, em Puente deume; para o Paço Martelo, em Rianjo, e para as fachadas, tão curiosas, da rua del Villar, em Compostela. Igualmente, ainda em Lugo, a romana *Lucus Augusti*, além da enorme despesa com a muralha da cidade, foram dotadas diversas obras a realizar do balneário romano (1.000.000 pes.), na Igreja soterrada de Santa Eulália de Bóveda (250.000 pesetas), no mosteiro de Ferreira de Pantón, e no conjunto monumental de Mondoñedo; em Monforte, no Campo da Companhia; na Igreja românica de S. Martin de Mondoñedo 2.500.000 pes.); no hospital de Peregrinos em Triacastelo; na Igreja e Praça de Santa Maria de la Real, em Meira; no conjunto monumental de Pambre, e no antigo mosteiro de Ribas de Sil.

A província de Orense foi contemplada com 15.100.000 pesetas para distribuir pelas seguintes obras: à Igreja de Santo Domingos, na cidade, e às de Allariz, de Santa Eufémia de Ambia, e de Santa Comba de Bande; aos mosteiros de Celanova e de La Osera; ao conjunto de Ribadavia e à Igreja paroquial de Ribas de Miño.

A província de Pontevedra foi concedida quantia igual à distribuída à de Orense, para as obras a levar a cabo no bairro antigo da cidade, e também no claustro

do mosteiro de Acibeiro; nas Igrejas do Salvador, em Cananzo, e de Santa Marina, em Cambados; no Conjunto de Combarro (4.000.000 de pes.); no conjunto de Poyo, no mosteiro de Oya e na catedral de Tuy, em cujo Arquivo tantos documentos existem ligados à História de Portugal; também à citânia de Santa Tecla, em La Guárdia, que foi contemplada com uma verba para escavações e restauros a executar naquele famoso povoado castrejo galaico; a Vigo, para o Museu de Castrelos, e também para Ribadavia, com igual destino à instalação do Museu, 4.540.000, no ano corrente, e 3.000.000 de pes. em 1973; com destino para obras no mosteiro de Carboeiro e na Igreja de Santa Maria de Armenteira; ainda nesta província de Pontevedra, 200.000 pesetas para a expropriação da casa barroca de Combarro.

Em suma, um magnífico planeamento de obras, em que se consomem alguns milhões de pesetas para a conservação de muitos e admiráveis monumentos artísticos e históricos. Isto para mencionar apenas os de uma parte do Norte da Espanha, pois, nas restantes zonas do país, por certo que outras entidades obterão do Governo verbas de igual vulto, para finalidades idênticas.»

Quantas coisas belas se poderiam também realizar em Portugal neste mesmo sentido! Infelizmente, na «pequena casa lusitana» ainda há muitas pessoas, até de certo modo cultas, que consideram dinheiro mal gasto o aplicado à conservação e reparações de monumentos do Passado, que documentam a nossa evolução histórica; à exploração de vetustas ruínas arqueológicas, que afirmam a sobrevivência secular do nosso povo; à instalação de museus e colecções, que testemunham as nossas origens antropológicas, a nossa personalidade etnológica, e as nossas características sociais nos domínios da Cultura, da Arte e do Trabalho. Infelizmente, os estudos arqueológicos, para citarmos como exemplo um facto bastante generalizado entre nós, são tidos, por alguns, como simples distração amena; e, quem a esses estudos se dedica, é considerado como indivíduo dado a velharias inúteis...

Não esqueçamos que o benemérito investigador Martins Sarmiento, um dos maiores, entre os grandes precursores das explorações castrejas do N. O. da Penín-

sula, foi um dia alcunhado de insignificante «*escavador de montes*», por um ministro de Estado, que assim respondeu a quem, sem conhecimento nem interesse do erudito investigador, se dirigira a esse membro do Governo, pedindo para o estudioso vimaranense a Comenda da Ordem de Santiago da Espada, como prémio honorífico das notáveis escavações que ele havia iniciado na Citânia de Briteiros. Leia-se,\* por ser muito curiosa, a maneira como Martins Sarmiento reagiu tranquilamente, com graciosa ironia e bonomia, quando lhe deram notícia da desastrada expressão desse ministro, que o Escritor Camilo Castelo Branco censurou, então, duramente, no periódico *Echos Humorísticos do Minho*.»

---

(\*) *Francisco Martins Sarmiento. Esboço da sua vida e obra científica.* Ed. da Soc. M. S., p. 14.